

UM “CORPO SARADO”? DISCURSOS SOBRE GÊNERO, MASCULINIDADES, E ANABOLIZANTES NAS REVISTAS ESPECIALIZADAS

Patrícia Silveira de Farias
Fátima Cecchetto

Introdução

Este texto é um aprofundamento de pesquisas anteriores, focalizando os discursos sobre esteroides anabolizantes (EAS) nos circuitos médicos e nas academias de luta, assim como os veiculados em meios impressos de comunicação. O estudo original foi desenvolvido entre 2010 e 2013 a partir de dois tipos de dados: um deles, fornecido pela análise de artigos biomédicos publicados em revistas especializadas; e o outro, baseado em 19 entrevistas com jovens homens praticantes de jiu jitsu. Os resultados indicaram uma lacuna significativa entre a abordagem biomédica, que condenava enfaticamente o uso destas substâncias; e a dos praticantes, que declararam usar as substâncias como forma de obter força e musculosidade. Estes achados nos levaram a novos estudos, a partir da investigação sobre a conexão entre o consumo dos esteróides e a construção social da masculinidade.

Nosso próximo passo foi um estudo sobre representações de corpo e gênero conectadas ao uso de esteróides na grande mídia brasileira. Esta pesquisa se apoiou no conteúdo de jornais e revistas publicados em 2010, disponíveis nos arquivos da Fundação Oswaldo Cruz. De cerca de 400 notícias e artigos sobre saúde pública, publicados de janeiro a dezembro de 2010, selecionamos aqueles focados em “esteróides” e “doping” como temas centrais. A análise nos permitiu indicar que jornais e revistas têm um papel significativo na disseminação de uma corporalidade hiperviril, e que a ênfase no paradigma de um corpo forte era direcionada tanto a homens quanto a mulheres .

No presente artigo, voltamos nossa atenção para a Revista Tatame — uma revista comercial especializada em artes marciais — e para artigos esportivos distribuídos digitalmente durante 2017. Nós nos concentramos em jornais, entrevistas publicadas, fotos e anúncios publicitários que apresentavam corpos de homens e mulheres de praticantes de esportes que se apresentavam explicitamente ligados ao consumo de esteróides. O objetivo de nossa pesquisa foi investigar a construção da masculinidade como um fetiche, ou seja, como um corpo ideal a ser alcançado através do uso destas substâncias.

No universo pesquisado, os EAS têm um papel significativo, pois atuam sobre as fibras musculares de forma a promover o desenvolvimento de um corpo forte. Este modelo é um aparato valorizado socialmente, dada a força simbólica que a musculosidade tem nas representações da diferença entre os gêneros. Nossa proposta então é discutir essa associação entre homens, virilidade e músculos, tema já debatido por autores como Klein (1993) e Mosse (1996) em estudos considerados clássicos. Utilizamos a categoria de fetiche para sinalizar o apelo extra-racional, sensorial e emocional desta musculosidade rígida. Observa-se, ainda, no quadro atual, a associação feita entre hipermusculosidade e beleza, em contrapartida ao corpo “fraco”, “mole” e “flácido”, considerado inadequado para ambos os sexos. Isto será melhor discutido a seguir.

Partimos de algumas teorias que elaboram uma crítica sobre a noção “we take gender for granted”, isto é, sobre uma pressuposição apressada a respeito aos atributos indexados aos homens e mulheres, por meio dos quais se realizam classificações e demarcações, colocando-os em planos muito distintos. Ignora-se, nessa perspectiva, os processos que envolvem aquilo que se convencionou chamar de identidade de gênero, uma configuração de práticas atravessada por tensões e ambiguidades. É o que discute Judith Butler (2010), quando destaca o papel do conceito de gênero em reproduzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada pela constituição de dois sexos fixos e coerentes, que se opõem a partir de oposições binárias ocidentais: homem x mulher, macho x fêmea, masculino x feminino, pênis x vagina, rígido x mole, num discurso que reforça a ordem compulsória da polarização.

Seguindo R. Connel e Pearse (2015), recorreremos também à noção de arena gendrificada, ou seja, de espaços nos quais se expressam arranjos de gênero que parecem fazer parte da ordem natural das coisas. Nesse aspecto, verifica-se o quanto as ideias sobre comportamentos ou práticas de gênero adequadas ou corretas são postas em circulação pelos representantes desses espaços, ou seja, padres, legisladores, familiares, professores, anúncios, programas televisivos, e, no caso em questão, academias, campeonatos de luta, sites jornalísticos, mídias sobre esportes e matérias veiculadas em revistas especializadas em artes marciais, como a “Tatame”. Essas arenas não só promovem ideias sobre as diferenças de gênero, como ao mesmo tempo criam essas diferenças, reduzindo feminilidades e masculinidades a tipos fixos e imutáveis.

Para Connell (2016), o esporte é uma constelação de práticas sociais segregada por gênero, na qual homens heterossexuais são dominantes; assim, o esporte fornece lugares onde a sociabilidade masculina pode se exercer, tanto quanto uma espécie de fonte de identidade para os homens e também uma arena de competição. Nesta arena, aqueles que são considerados mais fortes e mais aptos ganham status em certos contextos sociais. Desta forma, o esporte deve ser considerado uma arena gendrificada, na qual mitos sobre gênero são reificados, tais como o da hipermasculinidade, estigmatizando aqueles homens que não atingem este modelo. A distribuição de poder ligada à masculinidade é perpassada por uma cultura misógina e homofóbica, onde a violência em nome da vitória é naturalizada como “parte do jogo”. No entanto, há diferentes expressões de gênero nestes espaços, nos quais tanto culturas institucionais como agenciamentos individuais estão imbricados, ajudando a construir identidades individuais e sociais.

A conexão entre práticas corporais e masculinidades auxilia a construir uma representação social da masculinidade ligada a um corpo atlético, forte e resiliente; um corpo que está articulado a noções de tradição, fixidez e imutabilidade. É importante notar que este modelo de masculinidade, modelado dentro e através do esporte, pode também funcionar como um fardo para meninos e homens, que supostamente devem reprimir seus sentimentos, particularmente aqueles considerados signos de fraqueza, tais como tristeza e dor. Eles devem controlar expressões de empatia ou ternura dirigidas a seus pares, que contraditoriamente, no contexto homosocial das academias, fazem surgir intimidade e fortes relações pessoais. Mas mesmo estas relações devem ser moldadas a partir de expressões sexistas e homofóbicas.

Porém isto não significa que não haja outras masculinidades no interior destas arenas. Atletas gays, por exemplo, constroem estratégias identitárias para lidar com este ambiente

tóxico, onde predomina um dado modelo de masculinidade, ao mesmo tempo em que percebem a presença do homoerotismo nestas arenas gendrificadas (MESSNER, 1992; PRONGER, 1990). Também é importante indicar que outros marcadores sociais, tais como classe e etnicidade fazem parte destas masculinidades.

À luz do que fala Le Breton (2011) sobre o corpo na modernidade, iremos ainda refletir sobre o imperativo que impele o sujeito a moldar seu corpo como se este fosse um “outro”, convertendo-o em um objeto a esculpir, para torná-lo agradável a si e aos olhos dos outros, sem disfarçar uma demanda estética. Dito de outra maneira, cada vez mais se intensifica o potencial de vigilância e controle corporal na modernidade para homens e mulheres, que podem agora gerenciar seu capital corporal, através de substâncias cada vez mais potentes e capazes de atuar inclusive molecularmente no aprimoramento muscular.

Rigidez é tudo

A busca pela dureza, pelo aspecto rígido do corpo, é obtida através de um trabalho físico nas academias, mas depende fortemente de sua associação com medicamentos. Desta forma, pode-se falar de biomedicalização, no sentido indicado por Clarke et al (citado em Tramontano (2017), um conceito que remete às transformações externas e internas dos corpos, da saúde e da vida, construindo os usuários a partir do uso de medicamentos químicos, com a conseqüente produção de novos corpos. Não é demais acrescentar que esta produção e, especificamente, a manutenção deste corpo requer um constante investimento financeiro, de atenção e de vigilância.

Vale a pena examinar mais de perto estes novos corpos assim produzidos. Como já se disse, trata-se de um corpo rígido. O modelo buscado parece ser o de um “herói” eternamente jovem, em que se estaria num suposto “auge” da forma física. Deste modo, para homens Cis ou Trans (considerando a construção da identidade em termos de trans ou cisgeneridade), o ideal de hipermusculosidade é conseguido – embora de forma efêmera – reverberando socialmente força e vigor para os indivíduos que assim procedem. É uma espécie de medalha arduamente conquistada.

A motivação para perseguir e construir este novo corpo, por parte dos homens, está conectada a uma imagem de masculinidade viril centrada na rigidez – uma metáfora nada sutil da rigidez do membro sexual, associada a potência. O fascínio desta força/vigor/rigidez, para os homens, portanto, se expressa na conquista de uma imagem idealizada de homem, uma masculinidade hegemônica enfim alcançada: E esta é alcançada graças ao controle de um complexo de fatores que vai desde o nível, o tipo e a duração de exercícios, passando pela escolha de academias, técnicos, médicos e todo um staff de assistência, até a dosagem de suplementos e/ou anabolizantes. Desta forma, se realiza uma espécie de individualização gerencialista, em que a gestão e o controle sobre o corpo e sobre os efeitos buscados se dão em nível máximo. É a busca da eficácia corporal - antídoto individual contra a ameaça social que representa para um homem o corpo fraco.

É possível supor que este mesmo controle sobre o próprio corpo, construído com o apoio significativo dos anabolizantes, também exerça atração para as mulheres que seguem o ideal físico da hipermusculosidade. No caso feminino, como já extensamente estudado, trata-se de um corpo historicamente alvo de intensas intervenções - inclusive médicas-e de interdições, um corpo altamente regulado, que neste novo cenário parece retornar ao

controle da própria pessoa, pela capacidade de modelá-lo e apresentá-lo como forte, potente e rígido, e não como uma carne vulnerável, flácida – portanto, fraca. No entanto, a legitimidade social desta nova figura feminina construída está longe de se assemelhar àquela conseguida pelos homens hipermusculosos.

O novo corpo feminino se torna “desconfiável”; epítetos como “masculinizado”, excessivo, monstruoso, sexualmente “invertido”, biologicamente em desacordo com a “natureza”, são evocados e garantem uma ambigüidade no gênero e no status deste corpo. De toda forma, parece que este fetiche se apresenta como uma possível estratégia feminina de produção de seu gênero, tornando-o visivelmente forte.

Preciado (2014), em seu Manifesto Contrassexual, propõe o “fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de uns corpos sob os outros” (pág 21). No contexto da contrassexualidade, os corpos são corpos falantes fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, hetero/homossexualidade. Em livro posterior, Testo Yonqui (2008) analisa a autoaplicação de testosterona, criticando a “carta genética” e o fármaco-poder. Seguindo esta linha, por exemplo, a premiada artista baiana Virgínia de Medeiros desde 2015 tem utilizado testosterona para fins artísticos, como questionamento dos limites entre vida e ficção, buscando o que afirma ser uma “autonomia corporal”. Neste quadro, o uso do hormônio masculino por uma mulher romperia o regime de verdades dicotômicas centrado na heterossexualidade.

Estes usos da testosterona se conectam à perspectiva transgênera, que ilumina a questão crucial da identidade de gênero e do desejo de ressignificar fisicamente o corpo em busca da expressão genuína de si mesma. Em outras palavras, eles são parte de uma reivindicação legítima por saúde mental e física. Mas o consumo de esteróides e de hormônios masculinos tem outras motivações também. Um dos aspectos mais perturbadores destes outros usos é o papel central da noção de virilidade, e a conexão entre esta virilidade à rigidez muscular. Neste sentido, virilidade, característica de um ideal de eterna juventude, leva à urgência de utilizar testosterona como um elixir. Esta panacéia aparece como um atributo natural e exclusivamente masculino – contradizendo achados científicos já bem estabelecidos, que demonstram que este hormônio, embora predominem nos homens, também são encontrados em mulheres (Tramontano, 2017:89).

A ideia aceita no senso comum de que à mulher faltam o vigor e a força, típicos do homem ou caracterizados como atributos masculinos, encontra sua materialização simbólica na aquisição de um corpo forte, cuja rigidez muscular passa a ser o padrão de comparação. Ele é equiparado, nesse viés, à juventude, à saúde e à plenitude sexual.

Assim, para obter um ideal corporal associado ao masculino, neste quadro, se deverá fazer uso do hormônio, que se aplicará indistintamente a homens e mulheres. Porém, para as mulheres, o preço a ser pago, no caso de suas formas apresentarem desvios considerados fora do padrão, é o de sofrerem constrangimentos e acusações de masculinização, tendo seus corpos (e almas) concebidos através de classificações como “hulk” ou “monstra”, em contraste com a concepção que se tem sobre o corpo masculino forte como bonito, belo ou desejável.

A centralidade da noção de rigidez e dureza ganhou um novo status com a discussão sobre o uso de um medicamento que age diretamente sobre a potência sexual masculina: o Viagra. Ele pode ser entendido como um caso emblemático na direção de otimização das funções sexuais masculinas, marcando, inclusive, a entrada da indústria farmacêutica no

escopo da sexologia (Carrara, Russo e Faro, 2009). O foco é a fisiologia individual e a juventude esta compreendida pelo seu aspecto mais hormonal, ou seja, como uma fase em que o corpo gozaria de uma plenitude física no exercício sexual superativo. Esse modelo proposto pelo Viagra estaria então ao alcance de todos, jovens e velhos e, assegurando não só a prontidão, mas a longevidade da atividade sexual. Um horizonte futuro que também parece ser possível às mulheres através do uso de testosterona, contida no medicamento Intrinsa, considerado o Viagra feminino, que ainda se encontra em estudo (Faro,2016).

No cenário das academias de luta e da mídia esportiva, plasma-se a dicotomia entre rigidez exemplar e moleza sugerida pela literatura que trata da “disfunção erétil” (DE) e do “distúrbio androgênico do envelhecimento masculino” (DAEM), encenada, desta vez, pela oposição corpo rígido/corpo flácido. Note-se, porém, que, para além do viés dicotômico, há uma hierarquia posta em operação, em que a flacidez ou moleza se coloca de maneira inferior à rigidez, esta sim, considerada um símbolo distintivo que vale a pena perseguir incessantemente.

Não à toa, verifica-se o abandono da expressão impotência em favor do termo disfunção erétil (Carrara, Russo e Faro, 2009); prega-se que a atividade sexual é mesmo condição necessária para a saúde, e que a capacidade erétil definiria a virilidade durante todo o curso da vida masculina. Assim, o marketing da disfunção é conjugado ao marketing da solução (rigidez) que se apresenta com força nas drogas chamadas de estilo de vida, que não curam doenças, mas sim realçam determinadas características do indivíduo; otimizando ou aprimorando algum atributo físico ou mental.

A discussão sobre as representações e efeitos do Viagra ou do Intrinsa permite pensar que o modelo de sexualidade satisfatória está associado simbolicamente à capacidade de rigidez disseminada por todo o corpo. A rigidez do pênis pretendido – “completamente duro e perfeitamente rígido” como demonstrou Faro, Chazan e Rodhen (2013)– é estendida para todo o corpo, que se torna um símbolo fálico em si mesmo. Essa representação da potência, lembre-se, é também esteticamente positivada, numa equação que relaciona força e rigidez corporal à beleza.

Beleza que se mede, músculos que se dosam

Falar em corpo rígido e hipermusculoso para os homens é sinalizar um corpo não deteriorado por marcas do tempo ou de vicissitudes da vida, como pobreza, brigas ou consumo de drogas ilícitas. O corpo rígido é jovem e belo, produzido para ser exibido e apresentado em seu grau máximo de tônus muscular. A beleza, então, é considerada um atributo exteriormente visível através do corpo. Neste sentido, músculo duro é beleza, e um corpo flácido não é apenas fraco: é feio.

Mais recentemente, a disseminação do uso dos chamados “chips da Beleza”, primeiro entre celebridades femininas, e em seguida entre mulheres em geral, é um enfático exemplo desta afirmação. Sob a forma de um tubo, ou de um grão de “alpisto”, como é chamado, este implante corporal fornece regularmente, durante meses, uma “dose” de hormônios, para manter o que é considerado um corpo (e uma alma) sempre disposto, forte e rígido. Anteriormente utilizado como parte do tratamento para efeitos mais graves da menopausa e contra endometriose, agora este “chip” circula como forma de adquirir a beleza de um corpo rígido e musculoso. Neste movimento, um formato de corpo antes considerado

tradicionalmente desejável apenas por homens, foi amplificado para se tornar igualmente um tipo desejável de beleza, eleito como modelo a ser buscado por todos. .

Esta questão leva a outro ponto-chave da discussão. O debate social e filosófico sobre o ideal ocidental de Beleza é importante, neste aspecto, embora não seja nosso foco no presente artigo. No entanto, cabe lembrar que a noção de Beleza nas sociedades ocidentais se desenvolveu durante séculos como um atributo desejável, ligado à ideia de “graça”, “proporcionalidade”, “delicadeza” e “feminilidade”. No contexto de nossa discussão, gostaríamos de assinalar que a incorporação de um modelo de corpo “masculinizado” e as dimensões nas quais este corpo ideal é considerado bonito não estão isentos de contradições. Entre estas contradições, podemos visualizar o papel central desempenhado pelo gênero na representação e na construção social de ideais de beleza.

Para melhor visualizar as incorporações destes tipos físicos ideais, vamos analisar a seguir dois “modelos exemplares” de mulheres atletas e finalmente alinhar algumas conclusões provisórias.

1. Cyborg manifesta X Mackenzie, a musa

Cristiane Justino Venâncio nasceu em Curitiba nos anos 80, é uma lutadora brasileira, naturalizada norte-americana, campeã de Peso Pena. Herdou o nome profissional Cyborg do também lutador de MMA (sigla para Mixed Martial Arts) Evangelista “Cyborg” dos Santos, com quem foi casada durante alguns anos. Recentemente Cris Cyborg como ficou conhecida, envolveu-se em polêmicas ligadas a uso de doping em um campeonato, recebendo como punição tanto o afastamento do MMA como a de ter que devolver o Cinturão (Troféu dos lutadores) obtido em suas vitórias.

Foi nesse contexto que a revista Tatame, especializada em artes marciais e lutas em geral, estampou em sua capa do mês de janeiro de 2017 uma reportagem com a atleta com o seguinte título “Cyborg em foco”. Na foto, a atleta é retratada do rosto até os ombros sobre um fundo negro, com um perfil sério, olhos voltados para cima, sem interagir com o leitor diretamente. É apresentada ainda com cabelos presos, lábios pintados e olhos maquiados; por sobre esta maquiagem, metade de seu rosto está tomada por uma pintura facial da bandeira do Brasil. Sugestivamente, seu pescoço largo sobressai na foto, acentuando uma das marcas corporais comuns em praticantes masculinos de MMA e outros esportes de combate. O subtítulo da capa traz um comentário marcado por ambiguidades: alguém que “brilha” no octógono, e ao mesmo tempo vive dramas pessoais como depressão, exclusão e doping, a falta ou pecado mais cometido nesse campo de lutas.

O que nos chamou atenção neste perfil foi exatamente essa ambiguidade que não é exatamente uma exclusividade da Revista Tatame, mas que encontra uma expressão na representação inclusive midiática dessa persona feminina de lutadoras. Em uma rápida investigação no Google a partir do descritor Cyborg, percebe-se que as notícias sobre a lutadora sinalizam para esta ambiguidade, ou seja, o enaltecimento de suas conquistas como atleta de MMA e ao mesmo tempo a ênfase nos conflitos pessoais, como por exemplo, a cobertura dada ao episódio em que Cris agride fisicamente outra lutadora a qual ela acusa de ter praticado Bullying contra ela nas redes sociais. O episódio gerou um processo e perdas de patrocínio. O vídeo da briga circula livremente, com milhares de visualizações. Ao visitar os sites onde se publicaram as notícias é possível ler comentários sobre as mesmas, feitos

pelos internautas. Notamos o tom majoritariamente agressivo no site, desde alegações pejorativas a sua estética - “feia, feiona” -, passando por xingamentos de “monstra”, até acusação de estar “muito masculinizada” por conta de “bombas” que supostamente teria usado para alcançar seus êxitos.

Esta imagem assim construída sobre Cris Cyborg contrasta com a imagem da lutadora, Mackenzie Dern, veiculada na capa de outra edição da mesma revista, cuja manchete a apresenta como “Bela, destemida e do tatame” - uma paródia da manchete de uma revista de alcance nacional em que um recente primeira-dama da República foi descrita como “Bela, recatada e do lar”. A imagem é de uma jovem mulher, fotografada de corpo quase inteiro, olhando diretamente para a câmera com lábios maquiados e cabelos soltos e tratados.

A mulher se encontra em postura corporal de luta, trajando um quimono azul acinzentado sobre um fundo cinza. O subtítulo da matéria continua na descrição da atleta: “Mackenzie Dern multi campeã e musa do jiu-jítsu”, frisando como sua inspiração a figura masculina do pai. Ainda segundo esta chamada, ela estaria viabilizando sua transição para o MMA, mas mantendo uma firme identidade com a prática do Jiu-jítsu. A matéria discorre sobre a filha promissora da Arte Suave, mais uma vez apresentada iconicamente como seguidora do lendário Wellington Megaton Dias - do qual, porém, ao contrário de Cyborg, não herda o nome de guerra.

Analisando mais o corpus de fotos sobre Mackenzie, temos alguns denominadores comuns. Em quase todas, a atleta aparece sorrindo e olhando para a câmera, em poses comuns a modelos profissionais. Em uma delas, seus atributos femininos são realçados: seios cobertos por um top rosa, cintura fina e definida, corpo visível semi-envolto em quimono fashion de cor preta com detalhes e interior mais uma vez em rosa.

Por sua vez, no corpo da reportagem sobre Cyborg, guardadas as devidas diferenças entre as modalidades esportivas do MMA e do Jiu-jítsu, várias fotos a apresentam em treinos árduos, com bíceps musculosos à mostra, como aquela em que luta sozinha debaixo d’água. A mais emblemática de todas talvez seja a foto em que aparece levantando um enorme pneu de caminhão, ostentando uma máscara negra que cobre a maior parte de seu rosto, deixando à mostra somente testa e olhos, que encaram com firmeza o leitor. Enquanto seus longos cabelos estão presos, os seios estão disfarçados sob a camiseta preta de treino. Esta máscara lembra inclusive aquela usada pelo personagem de Anthony Hopkins no filme clássico “O Silêncio dos Inocentes”: o Doutor Hannibal Lecter, psiquiatra, assassino e canibal, podendo insinuar um hibridismo entre a imagem da lutadora e uma figura bestializada.

É interessante comparar essas imagens (discursos) sobre mulheres, no mesmo contexto esportivo, pelo modo como elas veiculam estereótipos sobre as identidades de gênero feminino em seu subtexto. Algumas representações estão carregadas da obviedade dos papéis, como o de filha promissora e tutelada pelo pai e a de mulher emancipada, dona de um temperamento “brigão”, que encontra sua natural expressão num conjunto de gestos classificado como violento, esvaziado de feminilidade.

O que parece estar em jogo é a demarcação de diferenças significativas entre as feminilidades, o que não chega a ser uma novidade, sendo a praxe de alguns meios de comunicação que cultivam esse fascínio pela alteridade, por meio de uma variedade de estereótipos populares sobre os gêneros, disseminados em anúncios e propagandas, novelas e outras formas de entretenimento para vender serviços, produtos ou ideias.

O que queremos sugerir aqui é que há uma produção de significados em torno da mulher lutadora, centrado na vigilância da feminilidade, cuja assim chamada essência não deveria ser abalada em benefício de uma musculosidade exagerada. A imagem veiculada de Cyborg representaria uma ameaça à feminilidade, envolvendo, contudo, uma aparente ambiguidade: ela é tanto heroína quanto vilã, porque transita nos extremos num só corpo. Este, soberbamente modelado por músculos, lhe empresta um status de supermulher. Esta imagem, no entanto, é alvo de repulsa, tanto no contexto das lutas e fora dele, justamente pela invocação de masculinização. Desse modo, percebe-se que essas imagens de mulheres lutadoras publicadas na revista *Tatame* e nos sites esportivos, nos dizem algo sobre as formas convencionais de representação da mulher, carregando também mensagens sobre as relações de gênero e representações da diferença.

Halberstam (1998) frisa que mesmo mulheres engajadas em esportes considerados “extremamente masculinos”, como boxe ou halterofilismo, tentam evitar atrair atenção para a masculinidade potencial conectada ao que praticam. Para ele, o temor social de uma “redução de feminilidade” é mais poderoso do que o medo de graves lesões físicas nestes esportes. Como exemplo, o autor nos conta o caso de um pai de atleta que tinha mais medo da masculinização de sua filha do que da possibilidade de possíveis lesões que ela poderia sofrer durante suas competições de luta.

Uma suposta e não-autorizada masculinidade parece ameaçar estes corpos femininos, levando-os para as sombras da abjeção, onde são vistos como “incompreensíveis”, pois seus corpos não são “inteligíveis”. “Corpos inteligentes” são aqueles que se constroem e mantêm a coerência e a relação contínua entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2003, p. 38) – o oposto dos corpos destas atletas. Eles não são “inteligíveis” porque o “sexo natural” parece não estar “coerentemente” incorporado no gênero esperado.

O que parece estar em jogo nos casos que analisamos é que as mulheres são vistas como se houvesse uma lacuna entre corpo/sexo e gênero social. Entretanto, cabe indicar que esta classificação binária – homem/mulher – não é simples; ela depende do pressuposto de uma relação entre vagina e feminilidade, uma feminilidade heterossexual; e entre pênis e masculinidade heterossexual. Mas, como comenta Anne Fausto-Sterling,

Nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre diferenças sexuais. Quanto mais buscamos um suporte simples para o sexo, mais se torna claro que “sexo” não é uma categoria puramente física. Tais sinais e funções corporais que definimos como masculinas ou femininas se encontram misturadas com nossas ideias sobre gênero. (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 19).

Isto se alinha com a teoria de Halberstam (1998), que indica que ideais de masculinidade e feminilidade são incorporados discursivamente e performativamente. A masculinidade, como construção social, não é privilégio de “machos”, não sendo apenas um atributo de homens; ela não deve ser determinada pelos genitais ou pelo corpo. Muitos corpos, marcados como sendo “de mulheres”, performatizam várias formas e experiências de masculinidade, desde as mulheres que viveram como homens durante os séculos XVIII e XIX, até es transgêneres na contemporaneidade, os drag kings e a cultura “sapatão”.

Nesta chave interpretativa, a masculinidade feminina é vista como uma transgressão às expectativas de gênero ao longo da história, um desvio de uma “autenticidade natural” pré-determinada, uma paródia, uma ameaça. Tal é o caso que apresentamos aqui; como identificamos, Cris Cyborg expressa uma masculinidade feminina, uma questão que se entrelaça a diferentes perspectivas sobre masculinidades para além dos homens.

Corpos em construção

Outro aspecto do debate que aqui travamos está ligado à noção de corpo como capital, desenvolvida por Malysse (2002). Esta idéia nos ajuda a entender a manipulação social e o gerenciamento dos corpos feitos pelos lutadores e pelos bodybuilders, cujo resultado é a incorporação de diversos valores relacionados à aparência física. A corporalidade se torna um tipo – como um conjunto de regras a ser aplicado a cada corpo — e precisa ser exibido em espaços que garantam visibilidade a este corpo construído, “espaços corpóreos”, tais como academias de ginástica, campeonatos e praias. Malysse sugere a existência de um “corpo virtual”, apresentado pela comunicação de massa, preparado para ser traduzido em imagens e se tornar uma mensagem sobre o capital corporal individual a ser desejado – um capital corporal normalizado, uma mensagem-norma.

Para César Sabino (2002), há uma estética corporal em vigor nas academias que valoriza a prática do cultivo muscular progressivo, indicando o quanto o anabolizante faz parte do processo de construção social da pessoa nesses ambientes. Ele opera com a noção de “andolatria”, tida como uma adoração, - tanto por parte de homens quanto de mulheres marombeiros”, dos princípios morais e éticos da masculinidade hegemônica, considerados como símbolos de superioridade e sucesso econômico” (p.144). Acrescentaríamos: e também estético.

Edmonds (2002) sinaliza a transformação de uma noção de corpo como “obra da Natureza divina”, dado de nascença, para o corpo como trabalho, uma transformação que, em princípio, parece estar ao alcance de todos e todas. Nesta chave interpretativa, a aparência é associada à auto-estima, do que deriva que a busca de uma boa aparência, e, portanto, da beleza, está relacionada à busca do bem-estar psíquico. Então, beleza seria saúde, enquanto feiúra seria doença. Ambos precisam ser não só alcançados por via de muito trabalho e abnegação, mas mantidos, dependendo, assim, de qualidades pessoais.

Tentando comparar as noções de beleza tal com entendidas nos Estados Unidos em comparação com o Brasil, Edmonds considera que enquanto no primeiro a beleza é encarada de forma política, como uma área que reflete a desigualdade social subjacente, e particularmente a desigualdade racial, no Brasil a percepção da beleza parece estar ligada a uma problemática mais individual. Entretanto, se levamos estas considerações para o campo das lutas e das academias, parece ser correto supor que há alguma relação entre desigualdade e considerações sobre beleza e feiúra corporal. Assim é que o corpo fraco, deteriorado, marcado, pode ser associado ao corpo pobre, sem investimento em sua beleza/força. Este investimento de tempo e dinheiro para atingir um ideal corporal determinado é um aspecto de uma busca mais ampla, de inserção social. Como afirma uma informante do autor, “se a garota da classe média pode ser sarada, pode botar peitão, então eu também tenho direito!”.

Entretanto, se esse modelo de beleza reforça o apelo-fetiche da hipermusculosidade para os homens, no caso das mulheres a operação se desdobra de forma diferente:

socialmente, para ela, exibir músculos considerados excessivamente endurecidos, beirando a insidiosa masculinização, não é belo – ela vira uma espécie de aberração ou “monstra”. Assim, ficar forte não é igual a ficar bonita. Porém, por outro lado, ficar flácida também não é uma opção, pois equivale a ficar feia, e ser desvalorizada esteticamente.

Como conclusões provisórias, avançamos algumas reflexões sobre noções correntes sobre corpo, gênero e beleza no circuito de esportes analisado, e para além dele. Neste sentido, frisamos a associação dominante entre virilidade e masculinidade, indicando a necessidade de aprofundar os estudos sobre performances de gênero, como Butler sugere. E se esportes como as artes marciais apresentam uma virilidade icônica, conectada ao combate, à violência, à frieza emocional e à tolerância à dor e a ferimentos, a presença de mulheres parece ameaçar esta configuração.

Tal presença instala uma contradição. De um lado, todas as referências a atletas mulheres são feitas através de expressões viris, evocando sua disposição de lutar. De outro, como apontamos, piadas sexistas e apelidos direcionados a elas expressam a dominante perspectiva misógina. Esta perspectiva tem um alvo: aqueles corpos insubmissos, mesmo que reconhecidos como corpos feitos para o esporte, não podem servir como inspiração. No esporte, a heteronormatividade vence (Jardim e Pelúcio, 2021).

Neste cenário de lutas binaristas, dois conceitos guiaram nossa análise: “performatividade”, como um discurso que incorpora gênero; e “abjeção”, indicando que estas normas de gênero, mesmo se continuamente reiteradas, podem “falhar”. E quando isto ocorre, os corpos que não correspondem a estas normas são relegados à perigosa zona da não-humanidade.

Todavia, se este modelo de beleza corporal reforça o fetiche da hipermasculinidade direcionado aos homens, para as mulheres ele inspira outro movimento: a idéia de que a apresentação social de músculos considerados excessivamente rígidos não é algo bonito; caso elas os tenham, elas se tornam “anormais”, “monstros”. Para elas, enfim, ser forte não equivaleria a ser bonita; e, ao mesmo tempo, ser flácida e macia seria o equivalente a ser feia.

Neste contexto, os meios de comunicação, e particularmente aqueles especializados em esportes, tais como a revista *Tatame*, mostra a contradição que identificamos, de encorajamento e reafirmação de padrões de gênero e heteronormatividade, e as diferentes experiências performatizadas pelas e pelos atletas e seus corpos na arena dos esportes. Vitória, derrota, violência, maciez, rigidez, força ou fraqueza são apresentados diferentemente dependendo de qual corpo está em jogo.

Porém, como dissemos, as tensões entre corpos que não performatizam o binarismo tradicional homem/mulher também fazem parte da cena, sendo exibidos também pelas revistas. Mas a forma que eles escolhem apresentar estas complexidades tende a amplificar e reforçar o pensamento binário sobre gênero, tanto no esporte quanto, mais amplamente, na sociedade. De forma similar, o consumo de esteróides por atletas também é apresentado de forma ambígua; afirma-se que atletas “de verdade, éticos” não devem sequer pensar em usar nada que “artificialmente” dê a eles ou elas mais força, e, assim, mais possibilidade de vitória. Mas as mesmas revistas, e a mesma sociedade, glorificam um corpo extraordinariamente cheio de músculos, hiper rígido, e associam esta forma “gloriosa” aos homens. Ao mesmo tempo, e até mesmo na mesma página, é dito que os esteróides podem fornecer este corpo desejável a todes, independente de seu sexo “natural”, e que aqueles que usam esteróides estão fundamentalmente mentindo sobre si mesmos e sobre seus corpos.

Para finalizar, talvez se possa pensar em um processo em curso de virilização da beleza, no qual ingerir Testosterona é gerir sua própria virilidade. Isto é interpretado socialmente, por sua vez, como masculinização. Seja como anabolizante para hipermusculosidade, como reposição na velhice ou como recurso para garantir a transexualidade masculina, o uso de hormônios é tomado como algo que amplia ou revela características do corpo que estavam enfraquecidas. É uma busca para a exposição do que se deveria ser ou se gostaria que fosse, uma possibilidade de reformulação de si, uma nova agência, ainda que não seja completamente uma autonomia plena, emancipada dos constrangimentos causados pelos diversos marcadores sociais presentes nas experiências dos indivíduos. O fetiche do corpo musculoso dialoga, portanto, de um lado, com a busca de uma apresentação de si desejável e de outro atualiza velhas dualidades que aproximam o masculino da força e o feminino da fraqueza.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

CARRARA, Sergio; RUSSO, Jane; FARO, Livi. A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino. *Physis*, v. 19, p.659-677, 2009.

CECCHETTO, F.; MORAES, D. R.; FARIAS, P. S., “Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade” (Distinct approaches towards anabolic steroids: risks to health and hyper masculinity), *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 16, n. 41, pp. 369-382, April-June 2012. In: <https://www.scielo.br/j/icse/a/LMJzJtcGJvWnhGkWRFRdqxq/?format=pdf&lang=pt>

CLARKE, Adele; SHIM, Janet; MAMO, Laura; FOSKET, Jennifer Ruth; FISHMAN, Jennifer. Biomedicalization: technoscientific transformations of health, illness and US biomedicine. *American Sociological Review*, v. 68, 2003, p. 161-194.

CONNELL, R; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: InVerso, 2015.

EDMONDS, Alexandre. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: Goldenberg, Mirian. (org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, Record, 2002, p.414.

FARIAS, P. S.; CECCHETTO, F.; PEDROSO DA SILVA, P. R.,”Homens e mulheres com H(GH): gênero, masculinidades e anabolizantes em jornais e revistas de 2010” (Men and women with a "Plus": Gender, masculinities and steroids in newspapers and magazines in 2010). *Cadernos Pagu* (42), jan-jun 2014, <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420417>

FARO, Livi. “*Mulher com bigode nem o diabo pode*”: Um estudo sobre testosterona, sexualidade feminina e biomedicalização. Tese de doutorado (Saúde Coletiva). Universidade do Rio de Janeiro, 2016.

- FARO, Livi; CHAZAN, Lilian; ROHDEN, Fabiola; RUSSO, Jane. Homem com “H”: ideais de masculinidade (re)construídos no marketing farmacêutico. *Cadernos Pagu*, n. 40, p.287-321, 2013
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, n. 17-18, p. 9-79, 2002.
- HALBERSTAM, Jack *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.
- JARDIM, Juliana; PELÚCIO, Larissa. Nocaute de gênero: masculinidade feminina nas artes marciais mistas (MMA). In: DEVIDE, Fabiano P.e BRITO, Leandro,T. (orgs). *Estudos das masculinidades na educação física e no esporte*. São Paulo: Nversos Editora, 2021.
- KLEIN, Alan. *Little Big Men: Bodybuilding Subculture and Gender Construction*. State University of New York Press, Albany, 1993. Index. pp. 326. \$US16.95.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, Vozes. 2011.
- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corporatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: 10 antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p.79-138.
- MOSSE. George. *The Image of Man: The Creation Of Modern Masculinity*. New York Press, Oxford University Press, 1996.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014, 224.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid, Espasa, 2008.
- Revista Tatame. Bela, destemida e do tatame. N.241, Agosto de 2016, pag. 24-33
- Revista Tatame. Cyborg em foco. N.244, Janeiro de 2017 pag. 25-33
- SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. et all. *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p.139-188.
- TRAMONTANO, L. “*Testoterona: as múltiplas faces de uma molécula*”. Tese de Doutorado. IMS/UERJ, Rio de Janeiro. Maio de 2017.